

Ano VIII	Volume VIII	Nº 16	Janeiro/Junho 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
----------	-------------	-------	--------------------	----------------	----------------

Resenha

Edu Silvestre de Albuquerque¹



D. HARVEY. The New Imperialism.
Oxford University Press, 2003.



Harvey, David. O Novo Imperialismo.
São Paulo: Edições Loyola, 2004.
Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves.

CENEGRI
CENTRO DE ESTUDOS EM
GEOPOLÍTICA & RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

Na obra *A Condição Pós-Moderna*, David Harvey discorre sobre o conceito de *regime de acumulação flexível*, explicitando as diversas formas produtivas e relações de trabalho unificadas pelo capital financeiro. De forma brilhante, o autor desvela a dinâmica dessa economia globalizada e a funcionalidade dos processos de reestruturação produtiva e territorial na nova etapa do processo de compressão do espaço-tempo capitalista.

Desta vez, sua obra *O Novo Imperialismo* percorre a dimensão política do regime de acumulação flexível e globalizado, explorando “a relação dialética entre as lógicas territorial e capitalista do poder”, como diz. Harvey agora supera teses em voga no campo das Relações Internacionais, como a *Teoria da Estabilidade Hegemônica* (TEH), de Robert Gilpin, que afirma a necessidade de uma potência ou consórcio de potências para estabilizar a economia liberal globalizada, resgatando o tradicional conceito marxista de “acumulação primitiva de capital” e

¹ Doutor em Geografia pela UFSC, Professor Adjunto do Departamento de Geografia da UFRN e colaborador do Programa de Mestrado em Gestão do Território da UEPG. edusilvestrealbuquerque@bol.com.br
Recebido para publicação em 01/07/2011. Aprovado para publicação em 01/12/2011

Ano VIII	Volume VIII	Nº 16	Janeiro/Junho 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
----------	-------------	-------	--------------------	----------------	----------------

que embasou a tese do Imperialismo de Rosa Luxemburgo e V. I. Lênin, mas que prefere chamar de “acumulação via espoliação” por estar novamente em curso.

A TEH afirma acertadamente que o “estabilizador” do Sistema Internacional garantiria a provisão de bens públicos internacionais (construção de canais interoceânicos e superportos), a organização de um sistema monetário conversível e de crédito internacional (o padrão dólar-ouro e organismos financeiros internacionais, respectivamente) e a segurança internacional (caso da OTAN ou das coalizões lideradas pelos Estados Unidos contra países desafiantes da ordem liberal). Mas a TEH apenas sintetiza parte das teorizações já formuladas por Rosa Luxemburgo e Lênin, que cedo perceberam a lógica do processo de extensificação geográfica dos capitais financeiros superacumulados no interior das potências industriais europeias. Até o século XIX, as estratégias hegemônicas tradicionais de formação de sistemas coloniais na África e Ásia e de impérios multinacionais (Império Russo, Áustria-Hungria, Otomano) conviveram lado a lado com a estratégia de acordos comerciais movida pelo liberalismo britânico, mas na medida em que se esgotavam os novos mercados coloniais para suas manufaturas e obtenção de insumos industriais, a dimensão competitiva entre as grandes potências da época se sobrepunha, produzindo duas guerras mundiais na primeira metade do século XX.

Assim, David Harvey resgata a tese do Imperialismo na forma de “acumulação por espoliação”, que volta a ordem do dia diante da crise de superacumulação de capital sinalizada a partir dos primeiros sintomas de recessão econômica nos Estados Unidos ainda em 2001. A “acumulação primitiva de capital” pela pilhagem das riquezas naturais das colônias havia viabilizado os investimentos na indústria nascente das potências europeias, e é exatamente esta face que Harvey identifica nas campanhas de conquista/intervencionismo militar praticadas atualmente pelos Estados Unidos.

A “acumulação por espoliação” em curso representa a remoção dos últimos obstáculos políticos e econômicos à expansão dos capitais norte-americanos pelo mundo. Para a América Latina e Leste Europeu, o projeto de *hegemon* estadunidense pôde se efetivar apenas com base no convencimento (os novos mantras do neoliberalismo surgidos a partir do “Consenso de Washington”), garantindo a transferência das propriedades industriais e de serviços para as mãos de estrangeiros. Mas remover os obstáculos representados pelo regime fundamentalista dos talibans, no Afeganistão, e pelo regime militar nacionalista e panarabista de Saddam Hussein,

Ano VIII	Volume VIII	Nº 16	Janeiro/Junho 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
----------	-------------	-------	--------------------	----------------	----------------

no Iraque, foi necessário ativar o “velho imperialismo” em sua face mais sangrenta que é a via da conquista militar.

Efetivamente, a combinação entre excedentes de capitais nos Estados Unidos e risco de escassez de petróleo no mundo têm impulsionado os projetos imperialistas dos neoconservadores liderados por G. Bush, mas a história recente está demonstrando que os democratas de Barack Obama também compraram as brigas em curso (a edição original do livro é de 2003, anterior, portanto, a ascensão de Obama). Com efeito, o Iraque é dono da terceira maior reserva de petróleo mundial, com potencial de extração de aproximadamente 115 bilhões de barris, superado apenas por Arábia Saudita e Irã. Essa foi a motivação real da guerra, sobretudo no momento em que a curva da demanda mundial de petróleo já supera a da descoberta de novas jazidas petrolíferas.

O secularista *Partido Ba'ath Árabe* havia conquistado o poder em 17 de julho de 1968, e para controlar o islamismo político (sinônimo de fundamentalismo radical no Ocidente) estimula o desenvolvimento econômico iraquiano, mobilizando a bandeira do nacionalismo panarabista e buscando uma aproximação com Moscou (esperando alcançar vantagens políticas decorrentes da bipolarização da Guerra Fria). Essa aproximação era mais no campo estratégico-militar que ideológica, tanto que os Estados Unidos pôde vir em auxílio do Iraque na longa guerra com o Irã, cujo regime consorciado ao islamismo político era, à época, o principal temor de Washington². A Guerra Irã-Iraque se desenrolou através de incessantes combates de fronteira entre 1979 e 1989, com saldo de milhões de mortos e resultando num oportuno impasse para Washington, pois com os dois países enfraquecidos pela guerra e o fortalecimento militar de seu principal aliado árabe a Arábia Saudita, a hegemonia sobre o Oriente Médio parecia certa.

Mas, usando do prestígio obtido na guerra movida contra o Irã, Sadam Hussein assume o poder em 1979 e instaura um regime autocrático. Em 1990, arruinado economicamente pela longa guerra contra o Irã e pressionado internamente pela maioria xiita pró-iraniana e pelos curdos, Hussein ordena a invasão e anexação das reservas petrolíferas do Kuwait, esperando a compreensão do Ocidente.

² Atualmente, anulado o nacionalismo iraquiano, o Irã retorna à condição de objetivo militar prioritário dos Estados Unidos. A República Islâmica do Irã sofre a pressão política e econômica dos Estados Unidos e aliados, cujo embargo econômico tem provocado diversos acidentes aéreos no país pela falta de reposição de peças somente obtidas no mercado internacional. Milhares de crianças iranianas morrem todos os anos por doenças prlenamente curáveis, mas cujos remédios o país não tem acesso em decorrência do embargo comercial internacional.

Ano VIII	Volume VIII	Nº 16	Janeiro/Junho 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
----------	-------------	-------	--------------------	----------------	----------------

Os Estados Unidos percebem que ressurgia a ameaça geopolítica através da pretensão de *hegemon* regional de Sadam. A ofensiva iraquiana atingia em cheio os interesses petrolíferos estadunidenses na região, cujos revézes já vinham desde a nacionalização do petróleo no próprio Iraque, promovida em 1 de julho de 1972. O petróleo iraquiano havia trocado das mãos de multinacionais anglo-americanas para o controle da Companhia Petrolífera do Iraque, e mais tarde, entraram na jogada empresas francesas e chinesas. Anteriormente, a CIA havia logrado êxito no apoio à destituição do governo eleito democraticamente do Irã, em 1953, justamente por conta da nacionalização do petróleo, e por isso o Iraque e mais ainda Sadam investiam tanto na militarização do país. Mas a opção de colocar um governo fantoche no Iraque simplesmente não estava à disposição desta vez, pois o governo iraquiano soube furar o bloqueio norte-americano costurando contratos inicialmente com União Soviética, Itália e Brasil.

Assim, no mesmo ano de 1990, é desencadeada a Primeira Guerra do Golfo, com os Estados Unidos liderando uma coalizão com aliados tradicionais como Inglaterra e Arábia Saudita, mais Espanha, Egito e Austrália, dentre outros sócios menores, contra o Iraque. O saldo de 100 mil mortos entre as forças iraquianas e apenas 1 mil mortos entre a coalizão foi propagandeado como reduzido diante do objetivo de guerra alcançado com a retirada iraquiana do Kuwait.

Mas os Estados Unidos ainda não havia completado seu objetivo mais profundo, nos recorda D. Harvey. Assim, em 2003 inicia a Segunda Guerra do Golfo contando com relativo apoio internacional em decorrência dos ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001 contra o território estadunidense, mas com a oposição da França, Alemanha, Rússia e China. A intervenção não contou com o aval da ONU, o que torna totalmente ilegal a ocupação militar do país, que continua até hoje. Sadam foi destituído do poder e morto, e a reconstrução da infraestrutura iraquiana, inclusive no setor petrolífero, entregue apenas às empresas dos países partícipes da coalizão. Pouco importa se não foram encontradas as alegadas armas de destruição em massa ou provas de que Sadam abrigava militantes da *Al Qaeda*, pois a “acumulação por espoliação” já estava em curso.

Já o Afeganistão não possuía reservas expressivas de petróleo, mas apresentava duas boas razões geopolíticas para que os Estados Unidos fossem à guerra, e ambas evidentemente ligadas aos interesses petrolíferos do *hegemon*. A primeira, mencionada por Harvey, era que o

Ano VIII	Volume VIII	Nº 16	Janeiro/Junho 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
----------	-------------	-------	--------------------	----------------	----------------

Afeganistão oferecia a justificativa perfeita para que os Estados Unidos se instalassem também na Bacia do mar Cáspio, com bases militares no Uzbequistão e Quirquistão, que prontamente ofereceram seus territórios para anular a influência russa. Com as novas jazidas do Cáspio, os Estados Unidos garantem o abastecimento de petróleo nas próximas décadas e ainda mantem a China afastada do novo “Grande Jogo”.

A segunda razão da campanha afegã, não explorada por Harvey, é que o país é considerado uma rota potencial para o petróleo explorado na emergente Bacia do Mar Cáspio, cujos países da Ásia Central e Cáucaso poderiam assim se libertar definitivamente da dependência da infraestrutura de oleodutos e gasodutos russa. O Afeganistão constitui o principal fundo territorial logístico para levar o petróleo do coração da Eurásia aos portos exportadores no Oceano Índico, sobretudo porque a alternativa de usar a passagem iraniana simplesmente é impossível.

O Afeganistão havia caído em mãos do islamismo político em 1996, e seu regime permitiu ou no mínimo foi conivente com o uso de seu território para o treinamento de grupos fundamentalistas radicais voltados ao terrorismo internacional. Em 2001, a pretexto de atacar as base da *Al Qaeda*, os Estados Unidos removeram do poder também o regime dos talibans, cuja insurgência nas inacessíveis montanhas do país não para de crescer. A questão em aberto é se os Estados Unidos seguirão a sina de outros Impérios que tentaram se estabelecer no Afeganistão sem sucesso. Pois os britânicos, interessados num caminho terrestre para a rica colônia indiana, incessantemente entre fins do século XIX e início do XX haviam invadido o país para usar sua posição estratégica, e depois também os soviéticos, em busca de portos em águas oceânicas quentes, ocuparam o país entre 1979 e 1989, mas ambos foram derrotados pela geografia do país.

Em conclusão, de forma instigante a tese da “acumulação por espoliação” de D. Harvey resgata o Realismo político e relativiza as doutrinas idealistas das Relações Internacionais, as últimas frequentemente associadas ao avanço ideológico do neoliberalismo dos anos 90 e incapazes de perceber a dimensão coercitiva do projeto de *hegemon* estadunidense. A recusa dos Estados Unidos em reformatar as estruturas de poder internacionais herdadas do contexto do após Segunda Guerra Mundial e da bipolarização, é outro exemplo eloquente disto. Mas são as crescentes necessidades industriais de insumos dependentes de fatores locais da

Ano VIII	Volume VIII	Nº 16	Janeiro/Junho 2012	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
----------	-------------	-------	--------------------	----------------	----------------

www.revistaintellector.cenegri.org.br

natureza o principal motor das disputas geopolíticas e dos conflitos no século XXI, segundo a concepção presente na obra *O novo Imperialismo*.³ Parafraseando o célebre diplomata e geopolítico britânico Halford Mackinder, D. Harvey conclui que “*quem controlar o Oriente Médio controlará a torneira global do petróleo, e quem controlar a torneira global do petróleo poderá controlar a economia global*”. Que o digam os países que entrarem no caminho do *hegemon*, como Iraque e Afeganistão e, a bola da vez, o Irã.



³ Estimulada pelas ações unilaterais estadunidenses, a Federação Russa também decidiu retomar sua influência sobre a “vizinhança imediata”, invadindo a Geórgia, em 2008, para apoiar o separatismo de dois enclaves pró-Rússia. A Geórgia é também rota estratégica para o escoamento do petróleo e gás natural produzido na Bacia do mar Cáspio.